

ALICE SANT'ANNA, MAIS UMA VOZ FEMININA NA POESIA CONTEMPORÂNEA

Alice Sant'Anna, one more female voice in contemporary poetry

Dulcineia Bicalho Monteiro¹

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é um estudo reflexivo sobre as particularidades que envolvem a linguagem poética da mulher contemporânea e o lugar por ela ocupado no mundo atual. Começando por este contexto, a autora escolhida foi Alice Sant'Anna, então propomos uma breve análise de alguns poemas publicados em seu primeiro livro, "*Dobraduras (2008)*", e, ao mesmo tempo, tentaremos fazer um entrecruzamento entre produção poética mencionado atrás com um segundo artigo chamado "*Linhas poéticas em circulação*", escrito pelo crítico literário e poeta Alcides Villaça, no jornal: Jornal Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Alice Sant'Anna. Poesia contemporânea. Olhar interior.

ABSTRACT: The scope of the present work is a reflexive studying about the whole particularities that overlap woman's contemporary poetic languages and the place for her occupied in the actual world. Beginning with this context, the authoress chosen was Alice Sant'Anna, so we propose a brief analysis of some poems published in her first book : "*Dobraduras (2008)*" and, in the same time, we try to do an intercross between poetic production mentioned back, with a second article called: "*Linhas poéticas em circulação*" written by a literary critic and poet Alcides Villaça in the newspaper: Jornal Estado de São Paulo.

Key words: Alice Sant'Anna. Contemporary poetry. Inner sight.

1. Espaços de formação e referências de Alice Sant'Anna

"Alice Sant'Anna" nasceu em 1988, no Rio de Janeiro. É formada em jornalismo. Em 2008, lançou *Dobradura* pela editora 7Letras, do Rio de Janeiro. Pode-se dizer que faz parte dos poetas novíssimos do século XXI.

¹ Mestranda do curso de Letras em Literatura Brasileira do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.
gdm2736@terra.com.br

Em entrevista à RJ Literatura novas-vozes, em dezenove de agosto de dois mil e oito, Alice falou um pouco de sua vida, reportando-se a reminiscências que foram relevantes em sua formação. Por exemplo, ao lhe ser perguntado qual a primeira coisa que lembrava ter lido e escrito, respondeu que se lembrava de uma solicitação de seu professor para que escolhesse um livro para ler, e posteriormente fizesse comentário sobre a leitura. Disse que talvez não tenha sido este o primeiro livro a ler, mas era o que naquele momento trazia-lhe recordações. Falou então do livro *A hora da estrela* de Clarisse Lispector. Teceu comentário, dizendo que não havia nenhum motivo especial na sua escolha, “devo ter achado o título bonitinho. Mas me bateu forte.”. Nesta fase, Alice Sant’Anna estava com apenas doze anos. Recorda que, “a primeira coisa que escreveu, com certeza, também foi para a escola”. Participava de um projeto chamado Oficina da palavra e os professores pediam que lesse *Cortázar*, *Borges* e também escrevesse contos, crônicas, até *haikais* (pequeno poema japonês de três versos).

Percebe-se que a escola teve papel relevante na formação da poetisa. Mesmo sem se dar conta, ao propor, na dinâmica do projeto da escola ou da sala de aula, a interação entre a codificação e a decodificação do fazer literário, contribuiu, assim, para o despertar do espírito criativo adormecido em cada um. Relata, também, o incentivo de seus pais, desde a sua infância, para a leitura, por que não dizer, para a arte, pois sempre a presenteavam com livros, instrumentos musicais. Relembra que tudo tinha muita fantasia, inventava histórias, desenhava, brincava. Compreende-se, na fala da escritora, que os momentos rememorados foram significativos em sua infância.

A jornalista Alice fala que começou a se interessar pelo tema, ou seja, pela poesia, quando foi fazer intercâmbio na Nova Zelândia. Estava com 16 anos. “Foi durante esse tempo que escrevi meus primeiros poemas no caderninho de viagem”.

O caderno tem um importante papel cognitivo na construção da escrita. Em *Baú de Ossos*, de Pedro Nava, tal ferramenta serviu, precocemente, de auxílio para o trabalho criativo. Pela sua própria natureza, cadernos são objetos pessoais, o que lhes confere espaços de liberdade e resgate de situações que, em algum momento, servirão de suporte para o projeto poético do autor, ou seja, propicia o diálogo com o próprio projeto, a passagem do pensamento ao papel e do papel ao pensamento.

Alice Sant’Anna destaca ter como referência a poetisa Ana Cristina César, ou Ana C., como era conhecida. Esta nasceu em 1952 na cidade do Rio de Janeiro e suicidou-se em 29 de outubro de 1983. Confessa ter sido ela a responsável por fazê-la gostar de poesia e escrevê-la. Conta que foi por acaso que encontrou seus poemas na internet e ficou

“eletrizada”. O poema que Alice reporta de Ana C. é “olho muito tempo o corpo de um poema”, o qual lhe provocou tal sensação. Outros poetas são destacados, como Armando Freitas Filho, juntamente com Drummond (considera-os como os tops dos poetas nacionais), Manuel Bandeira e Ferreira Gullar. Adora-os e diz ser influenciada hoje pelas poetisas Sylvia Plath, Emily Dickinson, Elisabeth Bishop, Adélia Prado e Sophia de Mello Breyner Andersen.

A escritora em estudo pontua os poetas de sua geração, aos quais se sente mais próxima, dizendo ser fã de Bruna Beber (também carioca), Ismar Tirelli e Gregório Duvivier. Fala, também, de poetas que conhece só por conta de blog e admira: Angélica Freitas, Ricardo Silveira, Ana Guadalupe.

2. Um olhar sobre os poemas de Alice Sant’Anna

A própria Alice, parafraseando Jean-Pierre Gorin, resume: “Todos os estilos. Nenhum deles.” Ainda complementa: “Nossa escola é não ter escola. Efeito da pós-modernidade, a geração absorve múltipla influência, sem se prender a escolas literárias”. Nesse contexto, podemos compreender, na fala da autora, a liberdade de seu fazer literário, na autonomia de sua criação e na sensibilidade de reinventar instantes, transformando-os em poesia. Não há preocupação por parte da poetisa em ser comparada com os cânones da literatura, pois apresenta em seus poemas um estilo próprio. Diferentes entre si, eles conduzem em comum à certeza de que, se a poesia não é feita de signos, tampouco está presa a uma realidade paralela.

Os poemas contidos em *Dobradura*, tecido de instantes reinventados, livre de cacoetes, revelam uma ordem mais natural para as coisas. Alice dá aos acontecimentos a improvável chance de significarem algo. E nós, leitores, ficamos encantados por tanto artifício e descobrimos que, na leitura de cada poema, há um foco novo para contemplar o dia. Afrânio Coutinho (1966) descreve muito bem esse aspecto estético da literatura ao escrever sobre a arte da palavra. O autor enfatiza que “O seu valor e significado residem no seu aspecto estético literário, que lhe é comunicado pelos elementos específicos, componentes de sua estrutura, e pela finalidade de despertar no leitor o tipo especial de prazer, que é o sentimento estético (COUTINHO, 1966, p.XXII)”.

Algumas confissões retratadas em seus poemas reportam-se aos conflitos da transitoriedade, não só do corpo menina-mulher, mas também do que modifica o sujeito e as

coisas à sua volta. Não à toa se salienta no poema “Retrato”, o deslocamento planeando uma alteridade. Como bem ressalta o escritor Eucanaã Ferraz “tem humor, qualidade e uma certa graça”. Ainda enfatiza que “Alice anuncia uma coisa boa na poesia contemporânea”.

O poeta Armando Freitas Filho, que acompanha a poetisa desde os seus quinze anos, se surpreende com a precocidade de sua escrita. Relata que “no início, aconselhou-a a esperar um pouco antes de publicar. Mas, diante de sua evolução, o escritor acredita que a estreia surgiu em boa hora. Descreve seus poemas como um grau de maturidade e que ela deixou de ser apenas uma promessa.

Nesse sentido, o amadurecimento de Alice só enalteceu o valor estético de sua poesia, quando em palavras garimpa detalhes de uma época bela e esquecida, soterrada pela aflição desse amadurecer. Resgata recortes e visões de um tempo que já passou da infância. A poetisa mira sua lente macro no cotidiano, nos valiosos momentos que se perdem, por falta de fotos ou vídeos, dos eventos familiares.

Para simplificar para os leigos em poesia, o poeta Heitor Ferraz, colaborador do programa literário da TV Cultura “Entrelinhas”, aponta as qualidades de alguns poetas desta década. E, ao falar do perfil de Alice, diz que “é uma poeta de observações urbanas”.

Há legitimação nos poemas de Alice Sant’Anna na palavra verbalizada e visual que só existe existindo no mundo. Apresenta em seus poemas a dimensão da escuta do silêncio que a cidade tem a dizer. Como uma *flâneur*, assiste às cenas, aos movimentos, imagens e as reescreve dando significado aos olhares observados e aos sentimentos que fluem. Reinventa e fica pedindo que o instante não acabe assim como o ponto final que inexistente em seus poemas, pois, para a autora, há o infinito para descobrir.

As fotografias apresentadas no livro *Dobradura*, “desempenham funções com diferenças bastante definidas. No entanto, não se apresentam de forma estanque, mas se interrelacionam de modos diversos” (SALLES, 2006 p.103). Nesse sentido, podemos perceber os desdobramentos da sensibilidade poética, sendo pautadas, pelo olhar interior da poetisa entrecruzando diversas linguagens.

Afrânio Coutinho esclarece, em sua Antologia poética, que: “A imagística inclui imagens, descrições, comparações, figuras, alegorias, símbolos”. Pode-se compreender a dimensão de seu pensamento quando ainda escreve: “É todo o mundo específico da poesia, por meio da qual o poeta constrói o “edifício” de sua interpretação ou visão da realidade”. É, portanto, desta maneira que as fotografias apresentadas em *Dobradura* coadunam com a narrativa elaborada.

Analisando o poema “Retrato”, em que a autora utiliza o registro em terceira pessoa, nota-se a proposta de demonstrar a sua criação, mas claro do que com a sua biografia. É uma maneira de buscar distanciar-se de um tom confessional, o que torna o poema mais instigante, pois é verdade que a Literatura parte dos fatos da vida ou das experiências vividas. Mas esses fatos não existem nela como tais, mas simplesmente como ponto de partida.

Comungamos com o pensamento de Afrânio Coutinho, disponível no site <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/literatura/literatura-2.php> de que “A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade”.

Pode-se notar o deslocamento de Alice na área íntima e privada, ou seja, no corpo e na família, e vai se alongando às ruas da cidade. No poema “Estação da Carioca”, ela nos mostra que aquela doçura da infância adquire novas adaptações, aplicando muitas vezes a ternura como solução para o incômodo urbano. Segundo Afrânio Coutinho (1966, p.18), “os sentimentos, individuais ou coletivos, são, porém a maior fonte do lirismo, refletindo a reação de sensibilidade humana ante o espetáculo das coisas, da natureza, da vida”.

Na tessitura do poema “Estação da Carioca (p.23)” tudo é muito trivial, exceto os três últimos versos “o jeito é virar para o vizinho/ e recitar com dicção impecável/ um poema de amor”. Neles, se propõe a reinvenção da doçura, aterrorizando o vizinho através de “um poema de amor” recitado com “dicção impecável”. A surpresa, contudo vai além: chega ao leitor como se fosse não somente um gesto de ternura, mas também um traço de ironia para o desconforto desse episódio. A poética da *Dobradura* é revelada, em “Estação da Carioca”, a partir de outra técnica, em que o sentido de um gesto depende do seu receptor e, conseqüentemente, pode ser desdobrado.

Dobradura é uma obra que recorre à singeleza e à sensibilidade para compor roteiros da vida íntima ou da experiência urbana, os quais, por vezes, entrecruzam-se. Os poemas deste livro descortinam a força de uma jovem que consegue atravessar os momentos frágeis como “palitos de fósforo” em busca da “ponte/ inabalável como granito”.

Alice Sant’Anna desafoga a sua gaveta de emoções constituindo assim, seu primeiro livro de poemas. É como Afrânio Coutinho descreve:

que essa emoção do poeta, tem uma significação mais completa se levarmos em conta seu efeito sobre o leitor. [...] Assim, o lirismo é a expressão em palavras de emoções singulares, íntimas, ou a tradução subjetiva de emoções coletivas. O poeta é capaz de

absorver a experiência dos semelhantes, colocá-la dentro de si, torná-la suas próprias graças à simpatia imaginativa. (COUTINHO, 1966, p.XXI).

3. Considerações Finais

Mediante estudo dos poemas de Alice Sant'Anna, busca-se situá-la nas linhas poéticas em circulação tendo como base o artigo de Alcides Villaça, que traça um panorama da produção nacional contemporânea a partir de três vertentes – a que enfatiza a carpintaria do verso, a liberdade e o olhar interior.

Sem a pretensão de classificar ou tipificar os poemas da poetisa Alice, descrevem-se aqui entre as variantes pautadas no artigo de Villaça, disponível no site <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,linhas-poeticas-em-circulacao,761212,0.htm> ao nosso olhar, aquela que parece identificar o seu repertório de criação e também dá-se voz a atitudes básicas, nos quadros da vida, o recorte que mais se aproxima de sua escritura.

Alcides Villaça escreve, em seu artigo, que, para evitar conceitos mais tachativos, prefere caracterizar com imagens esses módulos poéticos mais reconhecíveis: poesia de oficina; na janela da rua; recolha decantada, sendo este, na nossa percepção, o que mais propicia significação de sentidos na obra *Dobradura*.

Villaça explicita que, numa concepção clássica, o gênero lírico não se define pelo tema escolhido, mas pela relação íntima que o poeta estabelece com as coisas, pela ordem pessoal (por isso, reveladora) que lhes impõe nesse recolhimento. Marcante, uma experiência sensível sobreviverá no modo delicado, mas resolutivo, pelo qual o poeta soube mantê-la em estado de revelação. Há, pois, delicadeza, sabedoria e técnica nessa composição, de que costumam resultar poemas incisivos, minimalistas, sapienciais, em que subsiste uma maturidade sem alarde, sugerida na ressonância profunda dos eventos.

Se o horizonte dessa poesia promete um certo essencialismo, a trajetória sabe incluir o cotidiano mais trivial, cujo sentido se refina na percepção e se constrói no interior da linguagem mais limpa. O resultado não é abstração, mas concreção poética.

O desafio posto a essa poesia é o de assumir-se como sujeito consistente num mundo de experiências dispersivas. Responsabiliza-se pelo sentido mesmo que se depura das vivências, refutando assim uma imposição do novo tempo: fornecer coisas já codificadas e

significadas. Intimista na aparência é, no fim das contas, uma aposta decidida (não necessariamente ganha) na reserva poética que subsiste com dificuldade dentro de nós.

Arrematando com um dos poemas de Alice na trajetória de seu cotidiano, podemos desde já destacar tal semelhança ao módulo da imagem apresentada por Villaça, constatando o seu lugar no mundo da poesia; “todos os poemas/ são inconfessáveis/ mas pensando bem/ não faz muita diferença/ penso que ninguém revira esta gaveta/ à procura de pistas/ de que importa um tropeço/ na sapatilha ou o cacoete/ daqueles que desviam/ os olhos/ dos olhos?” (SANT’ANNA, 2008, p. 60).

Nesse contexto, reportamo-nos a Afrânio Coutinho (1966), que dispõe em seu texto a sua concepção do fazer poético e que, de certa forma, possibilita compreender o modo de ver e escrever de Alice Sant’Anna;

O material poético de que o artista dispõe cria seus moldes numa forma convencional ou nova. Conteúdo e forma têm que se fundir [...]. A escolha não é arbitrária, e só o poeta sabe resolver esse problema de adequação. E é a ele que compete saber se o seu material caberá num molde tradicional ou num novo, isto é, se as convenções já existentes lhe servem ou se se impõe a criação de uma nova convenção. “(Convenções em literatura são regras ou elementos acerca nos quais há um geral consentimento ou reconhecimento: gêneros literários, esquemas estróficos, símbolos, etc. A convenção e a revolta opõem-se constantemente na história literária e numa mesma vida de artista, frequentemente numa mesma obra).

A linguagem figurada, em poesia, é o reflexo do poder criador da imaginação artística. Através dela, o poeta estabelece ou acentua correlações na vida despercebidas pelos outros homens, que assim se tornam aptos a perceber-lhes o sentido profundo.

[...]o sentimento, a emoção, é captado de maneira vívida, colorida, sugestiva, reunindo o concreto e o abstrato, fatos e idéias [...]. (COUTINHO, 1966, p.XXII).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autores e Livros. *Dobradura, Alice Sant’Anna*. Disponível em:

<<http://jbonline.terra.com.br/extra/2008/07/20/e200718098.html>> Acesso em 05 jan. 2012.

BEBER, Bruna. *Novas vozes Alice Sant’Anna*. Rio de Janeiro. 22 set. 2008. Disponível em:

<<http://www.portalliteral.com.br/artigos/novas-vozes-alice-santanna>> Acesso em 15 jan. 2012.

CAJATY, Paula. Posts Tagged. *Crítica resenha livro poesia Dobradura Alice Sant’Anna*. [15 jan. 2011]. Disponível em: <wp.paulacajaty.com/?tag=critica-resenha-livro-poesia-dobradura-alice-santanna> Acesso em 10 jan.2012.

COUTINHO, Afrânio. *Antologia Brasileira de Literatura*. Editora Distribuidora de Livros Escolares. Rio de Janeiro, 1966. Vol.II Lirismo.

_____. Disponível no site: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/literatura/literatura-2.php>. Acesso em 20 mar. 2012.

Ipanema blog. Disponível em: <www.ipanema.blog.br/wordpress/2009/07/alice-santanna/> Acesso em 15 Jan. 2012.

MORICONI, Ítalo. *Inéditos e dispersos*. Editora Ática – São Paulo – 1985 – pág. 283.

MOUTINHO, Marcelo. *Resenha*. Disponível em: <http://www.marcelomoutinho.com.br/blog/2008/09/alice_santanna.php> Acesso em 02 Jan. 2012.

Portal PUC - Digital. Disponível em: <<http://www.puc-riodigital.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?...>> Acesso em 05 Jan. 2012.

SANT'ANNA, Alice. *Dobradura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

VILLAÇA, Alcides. Linhas poéticas em circulação. *Jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo, 20 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,linhas-poeticas-em-circulacao,761212,0.htm>> Acesso em 10 dez. 2011.

Recebido em 18 de abril de 2012.

Aceito em 05 de maio de 2012.